

ANÁLISE DO ENSAIO E TRADUÇÃO “THIS IS WATER” DE DAVID FOSTER WALLACE: Competências Tradutórias

ANALYSIS OF THE ESSAY AND TRANSLATION “THIS IS WATER” BY DAVID FOSTER WALLACE: Translation Competencies

Alex Renan Azevedo Marques Cardoso¹

RESUMO

Este trabalho de pesquisa buscou compreender a tradução do ensaio “*This is Water*” de David Foster Wallace, no que tange aspectos socioculturais, linguísticos e estéticos da língua inglesa para o português brasileiro. Para alcançar os objetivos deste estudo, foi analisado e comparado o discurso de paraninfo proferido por David Foster Wallace na universidade do Kenyon em Ohio, em 2005, o livro intitulado “*This is Water*” por esse mesmo autor, e sua tradução por Daniel Galera e Daniel Pellizzari, publicada pela editora Companhia Das Letras. A abordagem metodológica foi qualitativa, com a coleta de dados reunidos de forma descritiva (Prodanov e Freitas, 2013), enquanto a técnica utilizada foi a de análise documental, fundamentados no método indutivo (Gil, 2008) para inferir conclusões. Os resultados analisados evidenciam como características sociais e culturais refletem na tradução, bem como demonstram como competências linguísticas são essenciais para uma transposição efetiva e como são desafiadoras o manuseio de efeitos estéticos associados à transferência de informações entre idiomas.

Palavras-chave: tradução; ensaio; aspectos sociais e culturais; competência tradutória; estético.

ABSTRACT

This research work aims to understand the translation of the essay “*This is Water*” by David Foster Wallace, regarding sociocultural, linguistic and aesthetic aspects of the English language into Brazilian Portuguese. To achieve the objectives of this study, it was analyzed and compared the commencement speech given by David Foster Wallace at the Kenyon University in Ohio, in 2005, the book entitled “*This is Water*” by the same author, and its translation by Daniel Galera and Daniel Pellizzari, published by Companhia das Letras. The methodological approach was qualitative, with the collection of data gathered in a descriptive way (Prodanov and Freitas, 2013), meanwhile the technique used was document analysis, based on the inductive method (Gil, 2008) to infer conclusions. The results analyzed highlight how social and cultural characteristics are reflected in translation, as well as demonstrate how linguistic skills are essential for effective transposition and how challenging is the handling of aesthetic effects associated with the transfer of information between languages.

Keywords: translation; essay; social and cultural aspects; translation competence, aesthetics.

¹ Aluno do curso de Graduação em licenciatura em Letras - Inglês pelo Instituto Federal de Brasília, orientado pela Profa. Ma. Maria Antonia Germano dos Santos Maia

1 INTRODUÇÃO

Nos processos para se aprender uma segunda língua² (L2), um dos trajetos adotados, entre as várias possibilidades, é o da tradução. Siscar *et al.* (2018, p. 473) descrevem a tradução como “desde pelo menos os anos 1980, (...), não apenas como modo subsidiário de acesso à literatura estrangeira, mas também como forma legítima e mesmo privilegiada de relação com a discussão teórica”. Ou seja, a tradução não pode ser entendida como sendo só um processo de assimilação de novos vocabulários na língua estrangeira, de compreensão de estruturas gramaticais e sintáticas, e de desenvolver habilidades de expressão escrita, mas também de auxiliar na compreensão de nuances culturais para debates de relação histórica, teórica e filosófica. Desse modo, eles constituem a tradução como uma área interdisciplinar, chamada de “Teoria da Tradução” aqui no Brasil.

Essa abordagem da Teoria da Tradução torna-se particularmente relevante no processo para se aprender uma L2, nos quais um dos trajetos adotados, entre as várias possibilidades, é o da tradução. Na atualidade, com os meios tecnológicos existentes, é fato que para muitos aprendizes de uma L2, seja possível que o primeiro contato com essa L2 tenha sido motivado pela própria curiosidade, e, com isso, o trajeto de aprender essa L2 tenha ocorrido pela tradução; isto é, o aprendiz tenha se utilizado de dicionários pela internet, aplicativos e ferramentas online de auxílio. Nesse sentido, este começa a conhecer uma segunda língua pela tradução de palavras, seguindo para textos mais simples e avançando para textos mais complexos.

Em outra perspectiva de aprendizagem de L2, já na acadêmica, a tradução também é um recurso empregado pelos graduandos como forma de aprendizado e expansão da língua estrangeira. Nesse contexto, ao observar as aulas do curso de licenciatura em Letras - Inglês, nota-se a presença de vários textos estrangeiros, de modo especial, a presença do gênero textual ensaio, traduzidos para o português brasileiro. Esses textos traduzidos são advindos de livros e de coletâneas traduzidas, na íntegra ou não, do idioma original de publicação. Assim, ao ser apresentado esse cenário, nota-se a interculturalidade, ou seja, a promoção de relações de comunicação entre grupos culturais distintos em um mundo globalizado. Desse modo, os estudantes desse curso de nível superior têm a oportunidade de, além de aplicar as suas habilidades de criticidade e interpretação, enriquecer sua compreensão de linguagem e cultura de nações distintas, também ser estimulado à reflexão sobre a práxis de tradução.

Conforme Siscar, Cardozo e Moraes (2018, p. 473), “o ensaio se tornou um gênero de escrita comum de divulgação e de militância intelectual”. Ou seja, é comum a esse gênero a propagação de ideias e debates que envolvem questões sociais, culturais e científicas. Esses autores também destacam a área de tradução como uma forma legítima de relação com a discussão teórica e um modo de discurso de interpretação e de crítica.

A leitura desses ensaios, junto com a de pesquisas realizadas na área de tradução, comprova a pluralidade de estudos necessários para uma transposição efetiva de uma língua para outra. A exemplo disso, Agra (2007) abordou a integração de línguas e culturas por meio do processo de tradução durante o período pós-colonial em sua pesquisa. Essa autora concluiu que o tradutor consciente e ético deve estar atualizado em suas leituras, metodologias e aprendizados, levando em consideração todos os fatores que influenciam na

²Neste trabalho, compreende-se a L2 como sendo o idioma aprendido depois da língua materna.

interpretação do cenário a ser traduzido. Isto é, não só o processo envolvendo a língua, mas também, o seu contexto social, político e histórico.

Ademais, Frota (2007) e Malta (2021) classificam a tradução como uma atividade especializada e interdisciplinar. Essa atividade requer não apenas o bilinguismo, estudos literários e linguísticos, mas também um conjunto de subcompetências. Dentre elas, pode-se citar a *práxis*, referente a conhecimentos procedimentais ou operativos; a compreensão do campo profissional da tradução, que abrange a compreensão de normas éticas e profissionais e do conhecimento do mercado de trabalho; o domínio de assuntos gerais do mundo, ou seja, familiaridade com atualidades sobre contextos culturais, sociais, políticos e econômicos; e o entendimento das características dos textos de diversas naturezas, englobando a habilidade de lidar com especificidades de cada gênero textual e seus respectivos contextos.

Diante disso, esse gênero é utilizado no processo de aprendizagem do graduando e, por consequência, alude a assuntos relativos a questões sociais, culturais, linguísticas e estéticas da língua. Nesse contexto, é possível levantar a questão de que se esse texto, apresentado para o aluno em ambiente acadêmico, realmente respeita o processo legítimo de tradução. Isto é, se realmente respeita o desenvolvimento das habilidades de tradução, não só os conhecimentos procedimentais e compreensão do campo profissional, mas também do domínio de assuntos gerais do mundo e características do texto.

Em face do exposto, o objetivo geral desta pesquisa é compreender a tradução do ensaio literário “*This is Water*” de David Foster Wallace do inglês para o português, no que tange ao processo de transcrição em relação aos aspectos sociais, culturais, linguísticos e estéticos. Para atingir esse propósito, este trabalho está dividido em três objetivos específicos. No primeiro busca-se elucidar o papel social, cultural de uma língua como elementos impactadores no processo de tradução do ensaio mencionado. O segundo busca investigar nessa tradução as competências linguísticas envolvidas, tais como estrutura frasal, vocabulário, formalidade/informalidade e adequação ao gênero da tradução desse ensaio. O terceiro tem como objetivo descrever, na tradução em inglês para o português desse ensaio literário, os recursos estéticos e estilísticos escolhidos, tais como escolhas lexicais, figuras de linguagem e efeitos estéticos.

Com esse propósito, optou-se como objeto de estudo o ensaio literário “*This is Water*” de David Foster Wallace, e sua adaptação para o português brasileiro pelos tradutores Daniel Galera e Daniel Pellizzari, publicada pela editora Companhia Das Letras. David Foster Wallace foi um renomado romancista e professor de inglês universitário americano, nascido em 1962, em Ithaca, no estado de Nova Iorque, e faleceu em 2008. Sua obra mais conhecida é o livro *Infinite Jest*, publicado em 1996.

Esta pesquisa é composta pela seção introdutória, em seguida, os fundamentos teóricos, a metodologia adotada na investigação, a análise dos dados obtidos, as considerações finais, as referências utilizadas e, por último, os anexos e apêndices.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Papel Social e Cultural da Tradução

É fato que o processo de tradução envolve aspectos sociais e culturais. Entretanto, o estereótipo da tradução é que o tradutor bilíngue transpõe as palavras

e frases de uma língua para a outra enquanto preserva o sentido original. Entretanto, essa afirmação carece das principais características dessa profissão. Como aponta Agra (2007), a tradução é um processo que envolve cultura, sistemas políticos e a história quando investiga textos pós-coloniais. Ainda segundo Massop (1983), o processo de tradução esconde as complexidades de um ato social, no qual uma pessoa ou grupo escreve para outra pessoa ou grupo com um objetivo em mente. O resultado é um texto repleto de elementos de retórica, como identidade pessoal e social, cultura e associações sociais e hábitos.

Esse mesmo autor também leva em consideração o indivíduo tradutor no processo de tradução, uma vez que, ao fazer a transposição de uma língua para outra, o indivíduo também é parte integrante desse mesmo processo. Isto é, o tradutor não é uma mão invisível, um agente completamente impessoal do processo tradutório, mas, sim, um relator especialista da mensagem do original; e, portanto, faz parte do ato social previamente descrito.

Por consequência, ao fazer parte dessa ação, o tradutor profissional deve considerar pontos de vista distintos em relação à cultura da língua. Agra (2007) afirma que é unânime pelos teóricos de tradução a posição de que o tradutor deve manter em mente a cultura fonte e a cultura de quem se dirige à tradução. Feito isso, esse profissional do texto será sensível o suficiente para reconhecer o valor artístico do texto original e transpô-lo de forma funcional e ética.

Outrossim, Cronin (2006), em seu livro *Translation and Identity*, exemplifica como a cultura está relacionada com o senso de individualidade de uma população, além de esclarecer como a tradução, historicamente, tem influenciado no conceito de identidade entre culturas. Ainda segundo o autor, em um mundo onde há a circulação intensiva de informações, pessoas, *commodities*³, imagens e ideias, fica cada vez mais difícil manter culturas imutáveis. Essa realidade ilustra a responsabilidade do tradutor moderno em fazer seu trabalho de forma ética ao se desdobrar-se sobre as nuances do texto. Portanto, é essencial reconhecer a diversidade e singularidade das culturas envolvidas nesse processo de tradução.

Ao discorrer sobre a influência da língua sobre a cultura, também é importante salientar a perspectiva sociocultural de Johnson (2009 *apud* Abrahão, 2012, p.460):

Uma perspectiva sociocultural entende que cognição humana é construída por meio do engajamento em atividades sociais, e que são a interação social e os materiais, signos e símbolos culturalmente construídos, referidos como artefatos semióticos, que medeiam essas interações, que criam as formas de pensamento superiores, unicamente humanas. Portanto, o desenvolvimento cognitivo é um processo interativo, mediado pela cultura, pelo contexto, pela linguagem e pela interação social.

A questão sociocultural, desse modo, refere-se à interação humana que influencia o pensamento humano. Por conseguinte, ao considerar o tradutor como um participante ativo no ato social levantado por Massop (1983) e o histórico do ato tradutório em induzir a identidade entre culturas por Cronin (2006), a tradução está intrinsecamente ligada às perspectivas socioculturais de Johnson (2009 *apud* Abrahão, 2012).

³ Bens com características uniformes e baixo valor agregado, tais como insumos agrícolas e minerais, porém produzidos em larga escala para indústrias que os utilizam na fabricação de produtos destinados ao comércio externo. Os preços desses materiais são determinados conforme a procura e oferta no mercado.

2.2 Competências Linguísticas da Tradução

Malta(2021) aponta atenção especial para as circunstâncias em que o texto está inserido. Assim, o autor destaca a relevância do contexto e do co-texto (elementos linguísticos em correlação estrutural) na tradução, advertindo sobre a possibilidade da alteração ou até mesmo da perda total da carga semântica, caso esses elementos não sejam devidamente considerados.

Outrossim, segundo Malta (2021), existe a colaboração do tradutor no processo de transposição ao relatar a existência de várias subcompetências tradutórias. Essas habilidades não só estão relacionadas ao senso comum da subcompetência bilíngue, mas também abrangem conhecimentos gerais do mundo, universo e exercício profissional, procedimentos, técnicas e componentes psicofisiológicos do tradutor. Isso coincide com a assertiva de Campos (2006, p.47), em que, segundo esse autor: “a tradução de poesia (ou prosa que a ela equivalha em problematicidade) é antes de tudo uma vivência interior do mundo e da técnica do traduzido.”

Ainda em conformidade com Malta (2021, p. 68), o autor conclui que a competência tradutória é “procedimental porque se fundamenta numa prática especializada, não adquirível somente por meio de observações, mas pelo seu exercício contínuo e controlado”. Ademais, é destacada a importância de desenvolver a capacidade de se colocar no lugar do outro. Isso implica a compreensão de alteridade não só do autor original e do público para qual a tradução se destina, mas também a pluralidade de abordagens entre os próprios tradutores, que possuem suas peculiaridades no processo de tradução. Vale ressaltar que nem todo texto traduzido é idêntico, portanto, as traduções podem assumir aspectos distintos.

Quando se trata de fatores linguísticos da tradução, outro fator que a reflete isso é a diversidade de abordagem, destacando diferentes práticas. Contudo, diversos autores propõem terminologias diferentes para classificar a tradução conforme sua abordagem. Alguns desses termos estão nos quadros a seguir, sendo o primeiro destinado a tipos de tradução, de acordo com Malta (2021), Vinay e Darbelnet (1972); e o segundo, a categorias mais abrangentes de tradução por Malta (2021) e Jakobson (1975).

Quadro 1 — Tipos de tradução

Tipo de Tradução	Malta	Vinay e Darbelnet
Direta	Tradução do texto na língua original escrita para a língua materna do tradutor.	“De fato, pode acontecer que a mensagem da língua de origem possa ser perfeitamente transposta para a língua alvo, porque se baseia ou em categorias paralelas (paralelismo estrutural), ou em concepções paralelas (paralelismo metalinguístico).” (Vinay; Darbelnet, 1972, p. 46, tradução nossa). ⁴

⁴ *En effet, il peut arriver que le message LD se laisse parfaitement transposer dans le message LA, parce qu'il repose soit sur des catégories parallèles (parallélisme structural), soit sur des conceptions parallèles (parallélisme métalinguistique).* (VINAY; DARBELNET, 1972, p. 46).

Tipo de Tradução	Malta	Vinay e Darbelnet
Oblíqua	Termo não utilizado por esse autor.	“Mas é possível também que o tradutor identifique dentro da língua alvo lacunas ou ‘falhas’, que devem ser preenchidas por recursos equivalentes, a impressão geral deve ser a mesma para ambas as mensagens.” (VINAY; DARBELNET, 1972, p. 46, tradução nossa). ⁵
Inversa	Tradução de um texto na língua materna para a língua estrangeira.	Termo não utilizado por esse autor.
Literal	Ato de transposição em que o foco é ser fiel à mensagem, entretanto a morfologia e a sintaxe da gramática da língua alvo são modificadas.	Para esses autores, tradução literal é sinônimo de tradução direta.
Palavra por Palavra	Método em que o tradutor mantém a mesma estrutura sintática do texto original para a tradução.	Para esses autores, tradução palavra por palavra é sinônimo de tradução direta.
Sintética	Tradução onde é apenas transposto a mensagem principal do texto fonte para o texto na língua alvo.	Termo não utilizado por esse autor.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 2 — Categorias de tradução

Categorias da Tradução	Malta	Jakobson
Interlinguística ou Interlingual	“Tradução realizada entre idiomas diferentes.”	Interpretação dos signos verbais por meio de uma língua diferente da língua fonte.
Intralinguística ou Intralingual	“Tradução realizada dentro do mesmo idioma.”	Interpretação dos signos verbais por meio da mesma língua.
Intersemiótica	Termo não mencionado por esse autor.	Transmutação dos signos verbais para meios não-verbais.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para o intuito desta pesquisa, consideramos as definições postas por Malta (2021). Ademais, como investigações para exemplificar essas classificações, os pesquisadores Maluf (2021), Zethsen (2009) e Albres (2015) utilizam as diferentes classificações de Jakobson (1975): interlingual, intralingual e intersemiótica, respectivamente, para a realização de suas pesquisas.

Como exemplo de tradução interlingual, Maluf (2021) conecta a teoria Semiótica Discursiva e a prática tradutória, analisando a obra "Lavoura Arcaica"⁶ de

⁵ *Mais il se peut aussi que le traducteur constate dans la langue LA des trous ou “lacunes”, qu’il faudra combler par des moyens équivalents, l’impression globale devant être la même pour les deux messages.* (VINAY; DARBELNET, 1972, p. 46).

⁶ “Lavoura Arcaica”, publicado em 1975, é o primeiro romance do brasileiro Raduan Nassar que se destaca por possuir uma narrativa tanto lírica quanto poética.

Raduan Nassar para o inglês. Ou seja, as escolhas tradutórias em sintaxe e semântica que resultam na recriação do texto em uma outra língua.

Por sua vez, Zethsen (2009) compara a tradução intralingual com a interlingual, utilizando cinco versões distintas de excertos da bíblia em dinamarquês como base. Seu objetivo é descrever estratégias na tradução intralingual e apontar a tendência dessa em simplificar textos especialistas para um público mais leigo.

Por fim, como amostra de pesquisa intersemiótica, Albres (2015) examina a literatura infanto-juvenil junto à educação bilíngue para surdos. Em sua pesquisa é discutido a aplicação de materiais multimodais, como as gravações de vídeos que adaptam o livro “O pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry, para a língua brasileira de sinais (LIBRAS), investigando a construção de sentido em sala de aula pela professora-pesquisadora e os alunos.

Contudo, além das especificidades mais amplas intrínsecas ao tradutor e ao tipo de texto, há características relacionadas aos próprios vocábulos que devem ser consideradas no processo de tradução. Para Vinay e Darbelnet (1972), quando se busca uma palavra equivalente que não existe na língua alvo, esse fenômeno é denominado como “lacunas”. Esse autor ainda indaga se a falta do termo sinaliza uma falta de importância dele em determinado grupo linguístico.

Outrossim, Massop (1983, p. 275, tradução nossa⁷) reflete sobre “lacunas”. Segundo ele, “(...) é impossível de ser super enfatizado como o problema básico de tradução não é encontrar os ‘termos certos’. O problema básico é decidir como comunicar a C o que A escreveu para B”. Porém, Malta (2021) problematiza o encontro de termos corretos, especialmente no caso da estrangeirização e domesticação de palavras, em que estrangeirizar pode causar estranheza na estrutura frasal e perda da fluência da leitura, enquanto domesticar apaga traços da cultura e do que é o estrangeiro para o leitor.

Ainda sobre vocábulos, Hurtado (2005 apud Malta, 2021, p. 142) argumenta sobre suas adições e omissões desnecessárias de informações, defendendo que isso prejudica o sentido do texto fonte. Ademais, de acordo com Massop (1983), a permissão de adições e omissões é ocasionalmente criticada como reescrita ao invés de traduzir; no entanto, ele alerta que estabelecer limites rígidos e precisos de quando uma tradução deixa de ser uma tradução é uma tarefa impossível, apesar de haver casos de traduções equivocadas. Esse autor também reconhece adições como necessárias para o entendimento pleno do leitor, apesar de seu uso ser considerado controverso.

Em suma, o domínio das subcompetências da tradução, dos diversos tipos de tradução, da compreensão do texto-fonte, da redação do texto traduzido e da revisão do mesmo são essenciais para enfrentar os desafios desse processo. Além disso, o profissional da tradução deve lidar com outras nuances do texto, como a decisão de domesticar ou estrangeirizar o conteúdo, a omissão ou adição de termos, e diversas outras dificuldades inerentes à profissão. Todas essas características visam solucionar o que Malta (2021) define como problemas de tradução, isto é, a “Dificuldade de se recriar na língua-meta o que foi dito ou escrito na língua-fonte. Língua-meta, refere-se à língua a qual o texto será traduzido. Geralmente são delimitados por interrupções no fluxo de leitura/escrita e/ou na produção oral (no caso da interpretação) da tradução”.

Assim, conclui-se que, devido à complexidade dos processos de tradução e das línguas, há diversas abordagens para uma tradução efetiva. Cada tradutor

⁷ (...), it cannot be overemphasized that the basic problem of translation is not that of finding “right terms”. The basic problem is deciding how to convey to C what A has written to B.

busca as soluções mais adequadas de acordo com a sua forma de trabalho, desde que essas sejam feitas de forma consciente e embasadas em teorias e práticas efetivas.

2.3 Recursos Estéticos do Tradutor

No processo tradutório há, sem dúvidas, que destacar o valor estético. Um texto pode conter, além das suas informações semânticas, manifestações artísticas, o que torna a tradução de uma língua para a outra especialmente desafiante. O autor Bense (1960 *apud* Campos, 2006, p. 32) discorre sobre a estética do texto quando menciona: “a ‘informação estética’, por sua vez, transcende a semântica, no que concerne à ‘imprevisibilidade, à surpresa, à improbabilidade da ordenação de signos’.”

Ao considerar as adversidades da estética em uma tradução, Campos (2006) chega à conclusão de que a tradução de textos criativos, passa pelo processo de recriação ou criação paralela. Isso compreende-se que não se traduz apenas o significado, mas também o próprio signo, ou seja, suas propriedades sonoras, imagética e iconicidade. Os Ensaios literários são um exemplo dessa categoria textual que apresentam propriedades estéticas que exigem cautela por parte do tradutor.

Em conformidade com os estudos de Campos, a pesquisadora Amaral (2013) caracteriza o conceito de transcrição e valorização do signo e fisicalidade do texto em seu artigo sobre a transcrição do texto bíblico Qohélet - O que sabe - de Eclesiastes feita diretamente do hebraico para o português pelo próprio Haroldo de Campos. Amaral (2013) conclui que, devido a inclusão de características fonéticas, semânticas e sintáticas na tradução, foi ampliada a qualidade estética no texto final.

Portanto, as características estéticas de um texto necessitam de prudência e preparação, um processo que deve ser considerado na recriação de um texto por tradução. Com essa finalidade, é crucial que o tradutor reconheça a importância do conceito de figuras de linguagem. Segundo Fiorin (2014, p.10), figuras são “operações enunciativas para intensificar o sentido de algum elemento do discurso. São, assim, mecanismos de construção do discurso.” Esse autor, em seguida, sintetiza que tais artifícios de retórica são utilizados tanto na intensificação quanto na atenuação dos sentidos dentro de um discurso com o objetivo de persuasão entre o enunciador e o enunciatário.

Em síntese, na transposição de informações de uma língua para outra, não se constitui apenas da tradução literal de palavra por palavra, tampouco é a modificação de dados para uma outra língua enquanto se preserva o significado. O tradutor é um participante ativo no ato social de traduzir, utilizando um arcabouço de competências tradutórias para obter o resultado final desejado. Nesse sentido, é crucial fazer o uso de recursos linguísticos e estilísticos do texto, levando em consideração aspectos culturais e sociais envolvidos nas línguas em questão.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa vale-se da abordagem qualitativa. Prodanov e Freitas (2013, p.70), “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.” Além disso, esses mesmos autores destacam

como essa abordagem adota o processo e o seu significado como o foco central da investigação.

A vista disso, justificamos o uso dessa abordagem nesta pesquisa, dado que, ao analisarmos os objetos de estudos, buscamos uma compreensão maior de fenômenos tradutórios subjetivos e interpretativos. Destacando as perspectivas em que os textos estão inseridos e o processo do ato tradutório mediante a análise da dicotomia do documento original e a sua tradução.

Como foco de investigação desta pesquisa, escolhemos o autor David Foster Wallace. A menção de seu nome ocorreu durante uma aula de literatura dos autores desta pesquisa em uma Universidade Federal, onde foi destacado como um autor americano de relevância.

Nesse sentido, dentre suas produções, o discurso de parainfo “*This is Water*” destacou-se, especialmente devido a sua viralização no vídeo criado pela produtora The Glossary em 2013 como homenagem ao autor. Assim, optamos por escolher este discurso para o presente trabalho.

Dos objetos de estudos analisados, utilizamos o discurso de parainfo proferido na *Kenyon College* em *Gambier, Ohio*, nos Estados Unidos da América, no ano de 2005, intitulado “*This is Water*”, de David Foster Wallace. O discurso foi publicado em formato de áudio no *site SoundCloud*, e, tanto o áudio quanto a sua transcrição estão disponíveis no blog *Farnan Street* (2023).

Além disso, também foi recorrido ao livro “*This is Water: Some Thoughts, Delivered on a Significant Occasion*”, também produzido por Wallace e publicado de maneira póstuma pela editora Little, Brown and Company, em 2009, o qual pode ser adquirido no *site* da *Amazon*. Ele consiste na adaptação do discurso de parainfo para a publicação como um ensaio literário.

Utilizamos, ainda, a tradução do livro “*This is Water*”, encontrado no quinto capítulo do livro “*Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo*” denominado “Isto é água”, realizado por Daniel Galera e Daniel Pellizzari, e publicado pela editora Companhia Das Letras em 2012. Esse livro consiste em um compilado de ensaios produzidos por David Wallace Foster.

O texto de David Foster Wallace aborda de maneira descontraída, porém introspectiva, a questão da educação no contexto do ensino não apenas de conhecimentos formais, mas da habilidade de pensar de forma consciente em relação a todos em nossa volta. Ele destaca como o pensamento individualista pode gerar perspectivas negativas que permeiam a rotina da vida adulta. Wallace discute o egocentrismo como uma tendência mesmo em uma sociedade coletiva, enfatizando a importância do desenvolvimento de uma perspectiva mais empática em relação à sociedade. Além disso, o autor ressalta a importância de reconhecer as dificuldades enfrentadas por muitos, promovendo assim uma convivência enriquecedora em nossas vidas e aqueles que nos cercam.

A respeito do caráter desta pesquisa, abrangemos o tipo descritivo, em que Prodanov e Freitas (2013) o especifica como a descrição de observações registradas ao caracterizar fenômenos ou a relação entre variáveis distintas. Esses autores também destacam o papel do pesquisador em não manipular as observações coletadas. Dessa forma, as conclusões são obtidas por meio da coleta de dados e suas interpretações.

Para descrever os pormenores coletados nos objetos de estudos, utilizamos como base lógica de investigação o método indutivo. Para Gil (2008), esse método parte, a princípio, do particular, para generalizações. Ou seja, em primeiro momento são observados fenômenos e fatos que se desejam conhecer, em seguida, eles são

comparados e contrastados, e, por fim, são feitas generalizações conforme os resultados dos dados analisados.

Pela natureza dos objetivos propostos desta pesquisa, o tipo descritivo é aplicado porque buscamos caracterizar aspectos encontrados em um ensaio de forma detalhada, sem manipular os dados observados. Dessa forma, os resultados coletados e suas interpretações serão feitas de forma objetiva e imparcial. Por outro lado, o método indutivo é adotado por causa do objeto de estudo considerado, ou seja, o ensaio e sua tradução. Por consequência, com base em sua comparativa, podemos identificar particularidades que serão utilizadas para formar generalizações sobre o processo tradutório, construindo, assim, uma fundamentação consistente para este trabalho acadêmico.

Outrossim, ao tratar da coleta de dados, consideramos a afirmação de Gil (2008) enquanto a pesquisa documental, que é constituída de materiais que não possuem um tratamento analítico. Posteriormente, Gil (2008, p.147) complementa: “(...) em muitos casos só se torna possível realizar uma investigação social por meio de documentos”.

Dessa forma, o procedimento técnico utilizado foi o de pesquisa documental. Nosso objetivo foi analisar e comparar os objetos de estudo, o ensaio literário e a sua respectiva tradução, dois documentos que não passaram por um processo analítico de coleta de dados por meio de observações ou experimentações, todavia, possuem relevância para a análise de carácter social e linguístico.

4 ANÁLISE DE DADOS

Para a comparação dos dados, foram elaborados três quadros de análise. Assim, um apresenta informações de relevância cultural, e os outros dois, informações linguísticas e estéticas. Para ilustrar, a seguir está o modelo para a elaboração dos quadros:

Quadro 3 — Quadro de Exemplo

PÁGINAS	ISTO É ÁGUA	THIS IS WATER	TRANSCRIÇÃO	DADO	ANÁLISE
-/-/	-	-	-	-	-
-/-/	-	-	-	-	-
-/-/	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

O presente quadro é composto por seis colunas. Na primeira, há espaço para três números de paginação das fontes dos trechos analisados: o primeiro correspondente à tradução, o segundo à publicação em livro e o terceiro à transcrição do áudio. Na segunda coluna, estão dispostos os trechos da tradução; na terceira, contém o trecho da publicação do livro; e a quarta contém o trecho da transcrição. A quinta coluna caracteriza os dados encontrados, respaldando o tipo desta pesquisa como descritiva. Por fim, a sexta coluna contém as análises dos dados encontrados, baseadas no método indutivo.

É relevante ressaltar que a organização dos dados foi realizada verticalmente, seguindo critérios de similaridade, o que auxilia na comparação e contrastação dos dados.

Depois de aplicados os instrumentos de pesquisa e com os resultados sistematizados, logo no começo da tradução interlingual de Daniel Galera e Daniel Pellizzari, há o seguinte segmento: “Saudações, obrigado e parabéns à turma de formandos de 2005 do Kenyon.” Nesse contexto, é aludida a universidade de *Kenyon* e a graduação da turma de 2005. Com isso, é possível inferir duas informações distintas. Primeiramente, esses demonstram preocupação em investigar a fonte do ensaio de *David Foster Wallace*, uma vez que essa passagem não se encontra na versão publicada pela *Little Brown & Company*, mas apenas no discurso de paraninfo original. Em segundo lugar, a contextualização da criação do texto original não é omitida, os tradutores julgaram essa informação importante para o público brasileiro se situasse. Para esse propósito, traduziram o primeiro momento do discurso original, e também incluíram uma nota de rodapé ao fim do ensaio escrito: “Discurso de Paraninfo, Kenyon College, 21 de maio de 2005.” Assim, reforçando a origem do texto como o discurso de paraninfo proferido por David Foster Wallace.

Através de trechos como: “O emprego de historinhas didáticas com ar de parábola é um requisito padrão dos discursos de paraninfo nos Estados Unidos” e “Existem áreas inteiras da vida adulta americana que ninguém menciona nos discursos de paraninfo”, a contextualização do ambiente americano se mantém durante toda a tradução, o que indica transparência sobre a fonte da cultura e ambiente em que o texto está inserido. Isso proporciona liberdade ao público para extrapolar as informações postas para o seu próprio contexto ou não. As informações adaptadas são apenas aquelas em que prejudicaram o sentido do texto ao referenciar parte da cultura norte-americana. Para exemplificar, o fragmento de frase “*Stated as an English sentence*”⁸, na primeira página da transcrição e na nona página do livro em inglês, foi traduzido para “Dito dessa forma”, levando em consideração que o texto traduzido não está em inglês.

Outros casos incluem termos culturalmente específicos, como na tradução do termo “*Muzak*”⁹ para “música de elevador ou pop comercial”, “*forty-gallon*” para “150 litros” e “*Dr. Laura sermon*”¹⁰ para “sermão admoestador”, em algum desses exemplos opta-se por utilizar o hiperônimo como estratégia de tradução, assim, adaptando o texto e mantendo o sentido. Esse resultado comprova o que Agra (2007) indica em sua pesquisa, que o tradutor ético deve manter em mente durante o processo de transposição a cultura fonte e a de destino, a tradução palavra por palavra sem adaptações e sem cogitar as culturas distintas do texto fonte e do texto alvo não seria viável na maioria desses casos pois causaria confusão no público brasileiro.

Outrossim, o autor David Foster Wallace, em seu discurso de paraninfo, por vezes, critica o consumismo exacerbado em sua frase na quinta página da transcrição quando menciona “*and how modern consumer society just sucks*”¹¹. Ademais, ele faz menção ao suicídio no trecho “*They shoot the terrible master*”¹². Tais informações são ofuscadas pelos livros da *Little Brown and Company* e da Companhia Das Letras, considerando que, nesse primeiro trecho, as palavras

⁸ “Dito como uma frase em inglês” (tradução nossa).

⁹ Marca de música comumente tocada em locais públicos desde 1934. Possuem o ritmo calmo e tem como objetivo fazer com que as pessoas que o escutam relaxem.

¹⁰ Dr. Laura Schlessinger é uma apresentadora famosa, mais conhecida pelo seu programa de rádio nos EUA.

¹¹ “e como a sociedade de consumo moderna é uma merda” (tradução nossa).

¹² “eles atiram no mestre terrível” (tradução nossa).

“*modern consumer society*” (sociedade de consumo moderna) foi substituída por “*it all*” (tudo é), e o segundo trecho foi omitido completamente.

Essas alterações demonstram uma possível mudança de posição do autor posteriormente ao discurso original ou possíveis interferências das editoras e tradutores no texto, uma vez que as obras são publicadas de maneira comercial. Ademais, a temática do suicídio, segundo Lopes (2010), é por vezes considerada um tópico de ordem religiosa, política e filosófica, e por outras vezes romantizada, finalmente considerada tabu demonstrado pelo efeito Werther¹³. Portanto, trata-se de um assunto delicado para inclusão nos livros, sobretudo porque David Foster Wallace faleceu por morte autoinfligida em 2008.

Em relação a termos vulgares, analogamente em ambas as publicações americana e brasileira dos livros, são ora adaptados para outras palavras menos ofensivas, ora completamente omitidos. Entretanto existe uma exceção na tradução do trecho “*and how it all just sucks*” para “e em como tudo é simplesmente uma *merda*”. Essa exceção ocorre possivelmente devido à intensidade do discurso do momento no texto. Tal observação indica valores similares ao lidar com esses termos na publicação para um público geral de suas respectivas sociedades.

Portanto, ao comparar o discurso original com as publicações em inglês e português brasileiro, nota-se adaptações tanto no texto para a compreensão mais clara por parte de um público distinto, como também manifestações pessoais e culturais dos envolvidos no ato de publicação. Isso corrobora com a observação de Malta (2021) que o contexto da publicação pode afetar sua carga semântica e com a também comprova a afirmação de Massop (1983) que o processo de tradução está inserido dentro das complexidades de um ato social, resultando na possibilidade de informações estarem apenas disponíveis em fontes diferentes devido a modificações, adições ou omissões.

Em relação ao registro de formalidade e informalidade adotados nos textos, o autor David Foster Wallace oscila entre as duas como artifício linguístico. A predominância é da formalidade, marcada pelo uso de palavras polidas como “platitude banal”, conforme exemplificado na seguinte passagem: “Dito dessa forma, em uma frase, é claro que isso não passa de uma platitude banal, mas o fato é que nas trincheiras cotidianas da existência adulta as platitudes banais podem ter uma importância vital, ou pelo menos é o que eu gostaria de sugerir a vocês nessa manhã de tempo seco e agradável”.

Porém há alternâncias para informalidade, em que é usado expressões idiomáticas como “corrida de ratos”, e termos vulgar como “*bullshit*”, adaptados para o português como “conversa fiada” e “baboseiras”. Essa mudança é particularmente evidente em momentos nos quais é expressado sátiras, raiva ou antipatia pela sociedade, como exemplificado em toda a página nove do “isto é água”, que consiste em um único parágrafo caótico. A oscilação entre essas duas formas de escrita é indubitavelmente importante para a tese principal do discurso de paraninfo, que é a falta de empatia no cotidiano pela sociedade. Portanto, a tradução precisa refletir essa alternância, algo que ocorre de maneira consistente durante todo o ensaio.

¹³Efeito Werther refere-se a um fenômeno de emulação de suicídio em massa. O termo originou-se do romance intitulado “Os Sofrimentos do Jovem Werther”, por Johann Wolfgang von Goethe em 1774. Logo após a publicação desse livro, surgiram relatos de jovens emulando o método de morte autoinfligida do personagem do romance. Esses eventos resultaram no banimento do livro em diversos lugares.

Outra diferença linguística a ser considerada é o caso de expressões coloquiais e idiomáticas utilizadas pelo autor original. Na tradução da Companhia Das Letras, esses termos foram adaptados para o contexto brasileiro. Isto é, expressões como “*totally hosed*”¹⁴ foi traduzido como “quebrar a cara”, enquanto “*very crowded*”¹⁵ foi traduzido para “lotadíssimo”, incorporando o superlativo absoluto, artifício comum aqui no Brasil.

Além disso, nos trechos “(...) *and all you want is to go home and gave a good supper and maybe unwind for a couple hours and then hit the rack*” (e tudo que deseja é ir para casa ao encontro de um belo jantar e talvez algumas horas de ócio para depois cair na cama); e “(...) *at the motor vehicles department who just yesterday helped your spouse resolve a nightmarish red-tape problem through some small act of bureaucratic kindness*” (no Departamento de Trânsito que, ontem mesmo, com um pequeno gesto de boa vontade burocrática, ajudou seu cônjuge a resolver um problema insolúvel) são usados as expressões idiomáticas exclusivas da língua inglesa “*hit the rack*” e “*red-tape problem*”. Esses termos foram traduzidos de forma literal para “cair na cama” e “problema insolúvel”, assim preservando o sentido. Essa análise indica a tendência dos tradutores de domesticação dos termos explicitados por Malta (2021), priorizando a fluência da leitura.

Ademais, expressões que existem com equivalência em ambas as línguas como “*grit your teeth*”, que no português é “ranger os dentes”, o uso da tradução literal não foi necessária. Além disso, foi identificado um caso expressão idiomática exclusiva da versão brasileira, em que “*will not consider*” foi traduzido para “farão vista grossa”, demonstrando a perspicácia do tradutor em ambas as línguas.

Outra constatação possível ao se analisar a tradução é que, apesar de terem ciência do discurso feito em 2005, os tradutores optaram por priorizar a tradução da publicação do livro da Little, Brown and Company. Como exemplo, alguns vocábulos como “*capital-T Truth*”¹⁶ são omitidos da publicação americana ou substituídos, como em “*grieve you*”¹⁷ para “*plant you*”. Na tradução, esse primeiro termo é omitido conforme o texto americano, enquanto o segundo é traduzido para “enterrado”, que transmite o sentido de “plant you”. Além disso, existem passagens no discurso que não se encontram nas publicações, e vice-versa. Essa preferência pela publicação é compreensível, uma vez que o texto aproxima-se da proposta de publicação da Companhia Das Letras de ensaio literário.

Entretanto, em comparação com as duas publicações do texto, ainda é possível encontrar alguns casos de omissão e adição de termos, como em “*experience a crowded, hot, slow, consumer-hell type*” para “vivenciar a multidão, o barulho e a lentidão de um inferno do consumo”; e em “*the subsurface unity of all things*” para “comunhão fofinha de todas as coisas”. Em que, nesse primeiro, há a omissão do adjetivo “*hot*” e adição do adjetivo “barulhento”, enquanto no segundo, a adição do adjetivo “fofinha” e omissão de “*subsurface*”. Apesar das omissões e adições da tradução, o texto ainda mantém o sentido, além de fluir melhor em comparação a uma tradução em palavra por palavra, portanto esse não é um caso advertido por Hurtado (2005 apud Malta, 2021, p. 142) em que a adição e remoção desnecessária de termos interfere no sentido do texto original.

¹⁴ A tradução palavra por palavra de “*totally hosed*” seria “totalmente mangueirado”, o que carece de sentido semântico no contexto do português brasileiro.

¹⁵ Na tradução palavra por palavra para o português brasileiro: “Muito lotado”.

¹⁶ “Verdade com o V maiúsculo” (tradução nossa).

¹⁷ “Te lamentem” (tradução nossa).

Consequentemente, os dados analisados comprovam que, para uma tradução efetiva, existem uma abundância de subcompetências postas por Malta (2021) e Campos (2006) necessárias para a resolução de problemas. Ademais também é evidenciado que a prioridade nas traduções de Daniel Galera e Daniel Pellizzari não é o encontro de “termos certos” postos por Massop (1983) para preencher “lacunas” descritas por Vinay e Darbelnet (1972), mas, sim, comunicar as informações postas no texto de maneira clara e compreensível para o público brasileiro.

Ainda no que se refere à estrutura das frases dos textos, é importante destacar que variação na ordem das palavras na tradução podem ter impacto em aspectos estéticos do texto, manifestando-se em hipérbatos¹⁸ como a anástrofe¹⁹. Isso é observado no seguintes exemplos: “*the insidious thing about these forms of worship is not that they’re evil or sinful*”, “*the story thing turns out to be one of the better, less bullshit conventions of the genre...*”, e “*there is no experience you have had that you are not the absolute center of*”; e suas respectivas traduções: “essas formas de venerar são traiçoeiras não por serem malignas ou pecaminosas”, “de todas as convenções do gênero, a historinha é uma das que possui o menor teor de conversa fiada...”, e “você foram o centro absoluto de todas as experiências que tiveram”. Nesses exemplos, a alteração da estrutura da frase resulta em um foco em elementos distintos, porém a reorganização da estrutura torna a sentença mais compreensível. Isso pode promover a perda da “informação estética” posta por Bense (1960 *apud* Campos, 2006, p. 32) que se manifesta através da improbabilidade da ordenação dos signos, mas melhora a fluência do texto.

Outra informação estética foi o uso de polissíndeto²⁰ por David Foster Wallace, realizado por meio da conjunção coordenativa “and”, como excerto da descrição do discurso para exemplificar:

“(...) *And many more dreary, annoying, seemingly meaningless routines besides.(...). Because the traffic jams and crowded aisles and long checkout lines give me time to think, and if I don’t make a conscious decision about how to think and what to pay attention to, I’m gonna be pissed and miserable every time I have to shop.(...). About MY hungriness and MY fatigue and MY desire to just get home, and it’s going to seem for all the world like everybody else is just in my way. And who are all these people in my way? And look at how repulsive most of them are, and how stupid and cow-like and dead-eyed and nonhuman they seem in the checkout line, or at how annoying and rude it is that people are talking loudly on cell phones in the middle of the line. And look at how deeply and personally unfair this is.*”

Ao utilizar o programa denominado AntConc²¹ foi possível identificar o uso dessa conjunção um total de 156 vezes em toda a transcrição do áudio. Dessas 156, pelo menos 52 delas foram identificadas em três parágrafos, indicando assim o uso de polissíndeto. O autor utilizou essa figura em partes mais intensas do texto a fim de exemplificar a linha de pensamento de uma pessoa que está enfrentando a deterioração de seu estado mental ao testemunhar a monotonia da vida adulta. Os tradutores perceberam o uso dessa figura de linguagem e mantiveram o polissíndeto

¹⁸ Figura de linguagem em que se inverte ou se reorganiza elementos de uma oração ou período.

¹⁹ Tipo específico de hipérbato, envolve a inversão da ordem sintática usual das palavras.

²⁰ Figura de linguagem em que se emprega o uso repetido de conjunções coordenativas a fim de causar efeitos retóricos.

²¹ Software gratuito e de código aberto desenvolvido por Laurence Anthony para análise de *corpus* linguístico e de concordância entre textos.

com o uso da conjunção “e”. Dessa forma, preservaram essa informação na tradução.

Na publicação da *Little, Brown and Company*, por vezes, períodos curtos são colocados em destaque por serem o único elemento disposto em uma página. É por causa desse formato de publicação que essa versão do texto dispõe de 139 páginas no total, em comparação com a tradução “Isto é Água” que possui apenas 11 páginas. Ou seja, essa forma estética não é mantida na tradução, utilizando o próprio fato do período ser curto para empregar essa ênfase. Para ilustrar, alguns exemplos desses períodos curtos são: “Não sou o peixe velho e sábio”, “Aqui vai mais uma historinha didática” e “Vocês entenderam”.

Outro recurso estético de destaque utilizado no texto é o uso de palavras em itálicos, dispostas tanto na publicação em inglês quanto em sua tradução para o português. Na transcrição do áudio, por sua vez, a ênfase em palavras é feita em caixa alta. Possivelmente o emprego desses recursos são para emular a intensidade em que elas são proferidas no discurso de paraninfo original, destacando-as visualmente, da mesma forma que é possível destacar uma palavra em um discurso por meio do aumento do tom de voz ou da redução da velocidade de enunciação. De fato, ao comparar o discurso original com os textos, é possível inferir essa intenção. No entanto, nem todas as situações em que David Foster Wallace enfatiza uma palavra no discurso estão nos textos publicados, como evidenciado na frase “*The world as you experience it is there in front of YOU or behind YOU, to the left or right of YOU, on YOUR TV or YOUR monitor*” (Sua experiência de mundo está diante ou atrás de vocês, à sua esquerda ou à sua direita, na sua TV ou no seu monitor), que possui destaque apenas na transcrição do áudio.

Além disso, o autor David Foster Wallace adota um estilo de escrita caracterizado pela criação palavras compostas, tais como: “*other-directedness*” (preocupação com o próximo), “*food-shop*” (fazer compras), “*dead-eyed, over-made-up lady*” (inexpressiva e cheia de maquiagem) e “*finger-wagging Dr. Laura sermon*” (sermão admoestador). Em “Isto é água” a transposição desse estilo de escrita torna-se desafiadora, uma vez que palavras compostas em uma língua podem ser uma lacuna para outra. Em virtude disso, a tendência da versão em português é a tradução literal do significado, o que resulta na perda completa desse estilo específico do autor original.

Portanto, a tradução de recursos estilísticos é um assunto complexo que, em alguns casos, adquire caráter subjetivo. Por isso, o processo de tradução é descrito por Campos (2006) como um processo de recriação ou criação paralela. O profissional tradutor também tem que ser ciente dos elementos que intensificam ou atenuam o discurso. Fiorin (2014) propõe que esses artifícios são possíveis através da figura de linguagem. O propósito final é a recriação de um texto que transmite, no mínimo, o mesmo nível de impacto que o texto original.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o vasto campo de estudo da tradução, este artigo apresenta os aspectos sociais, culturais, linguísticos e estéticos da língua e como eles caracterizam a tradução do ensaio literário “*This is Water*”, traduzida por Daniel Galera e Daniel Pellizzari, com o objetivo de compreender a tradução do ensaio literário “*This is Water*” de David Foster Wallace do inglês para o português, no que tange ao processo de transcrição em relação aos aspectos sociais, culturais, linguísticos e estéticos.

A análise dos objetos de estudo desta pesquisa corrobora a aprendizagem de estudantes e acadêmicos em formação para ser professores por meio de cursos de licenciatura em língua estrangeira ou já atuantes na área do ensino regular, utilizando o ato de tradução ou os textos traduzidos como ferramenta pedagógica. Nesse sentido, características dos textos podem ser discutidas em sala de aula, como as diferenças entre aspectos socioculturais do país da língua inglesa fonte com o Brasil no processo de tradução de um ensaio, o desenvolvimento de habilidades analíticas adquiridas através do processo de tradução de uma transposição efetiva e a comparações de traduções com os textos originais.

Com base no exposto, sugiro a inclusão do estudo de conhecimentos básicos de tradução como parte do componente curricular em cursos de licenciatura em letras de línguas estrangeiras. Por meio desse, é possível não apenas abordar características pertinentes à aprendizagem da língua, mas também proporcionar o contato direto e contextualizado com textos internacionais, e, portanto, suas respectivas culturas, além de explorar diversas transposições como ferramenta de estudo e ensino. O foco em aspectos sociais, culturais, linguísticos e estéticos da língua na prática docente também evidenciam, para a comunidade acadêmica, que nos processos de transposição de uma língua para outra, habilidades bilíngues não são as que devem ser as únicas consideradas.

Além disso, essa pesquisa pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades críticas de leitura e interpretação de texto, competência essencial não só para o corpo docente, mas também para o discente em nível de graduação. Há também possibilidades de ser utilizada para tradutores e estudantes de tradução, fornecendo *insights* sobre a área da tradução para que possam ser aplicados em trabalhos futuros.

No que tange a tradução do ensaio literário “*This is Water*” de David Foster Wallace analisado nesta pesquisa, foi possível identificar os processos de tradução de ensaios literários através da comparação dos textos baseados no método indutivo. Também, foi factível inferir que tais procedimentos não abarcam apenas o domínio de idiomas, mas também questões socioculturais, éticas, linguísticas, do campo profissional e estéticas da língua e próprias dos autores de um texto.

Entretanto, ressalvo a dificuldade de análise dos recursos estilísticos da obra analisada, uma vez que a estética da escrita, por vezes, pode ser considerada subjetiva e por causa da falta de literatura sobre este assunto em relação a textos em formato de prosa.

Ademais, é necessário observar também a dificuldade de inferir informações sobre a obras literárias e suas traduções sem o contato direto com os envolvidos em suas criações, por meio de entrevistas, por exemplo. Talvez, com a colaboração de dados levantados pelos próprios autores, tradutores e editores, seja possível tratar sobre mais assuntos e expandir outros, porém, isso vai além do escopo desta pesquisa acadêmica.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Vieira. A Formação do Professor de Línguas de uma Perspectiva Sociocultural. **Signum**, Londrina, p. 257-280, 2012. Disponível em: [A Formação do Professor de Línguas de uma Perspectiva Sociocultural](#). Acesso em: 25 jun. 2023.

AGRA, Klondy Lúcia de Oliveira. A integração da língua e da cultura no processo de tradução. **BOCC**, [s. l.], 2007. Disponível em: [A integração da língua e da cultura no processo de tradução](#). Acesso em: 27 maio 2023.

ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução Intersemiótica de Literatura Infanto-Juvenil: Vivências em Sala de Aula. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, ed. 2, p. 387-426, 24 out. 2015. Disponível em: [Vista do Tradução intersemiótica de literatura infanto-juvenil: vivências em sala de aula](#). Acesso em: 15 jul. 2023.

AMARAL, Beatriz Helena Ramos. Haroldo de Campos e a tradução como prática isomórfica: as transcrições. **Eutomia**, Recife, v. 11, ed. 1, p. 261-268, Jan./Jun. 2013. Disponível em: [Haroldo de Campos e a tradução como prática isomórfica: as transcrições | Amaral | Eutomia](#). Acesso em: 15 jul. 2023.

BENSE, Max. **Programmierung des Schönen**. Baden-Baden e Krefeld: Agis-Verlag, 1960, apud CAMPOS.

CAMPOS, Haroldo de. **Da tradução como criação e como crítica**. In: CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006. cap. 2, p. 31-48.

CRONIN, Michael. **Translation and Identity**. Abingdon e Nova Iorque: Routledge, 2006. 166 p. Disponível em: [Translation and Identity](#). Acesso em: 17 jul. 2023.

FARNAM STREET. *This is Water*, de David Foster Wallace. Disponível em: [This is Water by David Foster Wallace \(Full Transcript and Audio\)](#). Acesso em: 21 out. 2023.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de Retórica**. São Paulo: Contexto, 2014. 204 p. Disponível em: [Figuras de Retórica](#). Acesso em: 17 jul. 2023.

FROTA, Maria Paula. Um Balanço dos Estudos da Tradução no Brasil. **Cadernos de Tradução**, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: [Vista do Um balanço dos estudos da tradução no Brasil](#). Acesso em: 22 jun. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: ATLAS S.A., 2008. 200 p.

HURTADO ALBIR. **Traducir del francés al español: Competencias y tareas para la iniciación**. Castelló de la Plana: publicaciones de la Universidade Jaume I/Madri: Edelsa, 2005, apud MALTA (2021).

JAKOBSON, Roman. **Aspectos Linguísticos da Tradução**. In: JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2007. p. 63-72. Disponível em: [LINGÜÍSTICA E COMUNICAÇÃO](#). Acesso em: 24 jun. 2023.

JOHNSON, K. E. **Second language teacher education: a sociocultural perspective**. Nova Iorque: Routledge, 2009, apud ABRAHÃO.

LOPES, Fábio Henrique. **Suicídio & Saber Médico**: estratégias históricas de domínio, controle e intervenção no Brasil no século XIX. 21. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MALTA, Gleiton. **Traduzires**: Tarefas e dinâmicas para a iniciação de não tradutoras à tradução. 1. ed. Campinas: Pontes, 2021.

MASSOP, Brian. The Translator as Rapporteur: A Concept for Training and Self-improvement. **Meta**, Montreal, v. 28, ed. 3, p. 244-278, 1983. Disponível em: [The Translator as Rapporteur: A Concept for Train... – Meta – Érudit](#). Acesso em: 24 jun. 2023.

MALUF, Barbara Tannuri. A Tradução Interlingual como Projeto Enunciativo: de Lavoura Arcaica a Ancient Tillage, uma abordagem semiótica. **Rascunhos Culturais**, Coxim, v. 12, ed. 23, p. 95-116, jan./jun. 2021. Disponível em: [A TRADUÇÃO INTERLINGUAL COMO PROJETO ENUNCIATIVO: de Lavoura Arcaica a Ancient Tillage, uma abordagem semiótica](#). Acesso em: 15 jul. 2023.

SISCAR, Marcos; CARDOZO, Mauricio Mendonça; MORAES, Marcelo Jacques. Tradução em ensaio. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 38, n. 2, p. 473–476, 2018. DOI: 10.20396/remate.v38i2.8654236. Disponível em: [Tradução em ensaio | Remate de Males](#). Acesso em: 14 maio. 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013. 276 p. Disponível em: [Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico](#). Acesso em: 15 jul. 2023.

VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. **Stylistique Comparée du Français et de L'anglais**. Paris: Didier, 1972. Disponível em: [Stylistique comparée du français et de l'anglais-Didier \(1.pdf\)](#). Acesso em: 24 jun. 2023.

WALLACE, David Foster. **Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo**. Tradução: Daniel Galera, Daniel Pellizzari. 1. ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 2012. 312 p. E-book (312 p.).

WALLACE, David Foster. **This Is Water**: Some Thoughts, Delivered on a Significant Occasion, about Living a Compassionate Life. 1. ed. Nova Iorque: Little, Brown and Company, 2009. 137 p. E-book (137 p.).

ZETHSEN, Karen Korning. Intralingual Translation: An Attempt at Description. **Meta**, [s. l.], v. 54, ed. 4, p. 795-812, dez. 2009. Disponível em: [Intralingual Translation: An Attempt at Description](#). Acesso em: 15 jul. 2023

ANEXOS

ANEXO A — TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO DO DISCURSO DE PARANINFO ORIGINAL **This is Water**

“Greetings parents and congratulations to Kenyon’s graduating class of 2005. There are these two young fish swimming along and they happen to meet an older fish swimming the other way, who nods at them and says “Morning, boys. How’s the water?” And the two young fish swim on for a bit, and then eventually one of them looks over at the other and goes “What the hell is water?”

This is a standard requirement of US commencement speeches, the deployment of didactic little parable-ish stories. The story thing turns out to be one of the better, less bullshit conventions of the genre, but if you’re worried that I plan to present myself here as the wise, older fish explaining what water is to you younger fish, please don’t be. I am not the wise old fish. The point of the fish story is merely that the most obvious, important realities are often the ones that are hardest to see and talk about. Stated as an English sentence, of course, this is just a banal platitude, but the fact is that in the day to day trenches of adult existence, banal platitudes can have a life or death importance, or so I wish to suggest to you on this dry and lovely morning.

Of course the main requirement of speeches like this is that I’m supposed to talk about your liberal arts education’s meaning, to try to explain why the degree you are about to receive has actual human value instead of just a material payoff. So let’s talk about the single most pervasive cliché in the commencement speech genre, which is that a liberal arts education is not so much about filling you up with knowledge as it is about “teaching you how to think.” If you’re like me as a student, you’ve never liked hearing this, and you tend to feel a bit insulted by the claim that you needed anybody to teach you how to think, since the fact that you even got admitted to a college this good seems like proof that you already know how to think. But I’m going to posit to you that the liberal arts cliché turns out not to be insulting at all, because the really significant education in thinking that we’re supposed to get in a place like this isn’t really about the capacity to think, but rather about the choice of what to think about. If your total freedom of choice regarding what to think about seems too obvious to waste time discussing, I’d ask you to think about fish and water, and to bracket for just a few minutes your scepticism about the value of the totally obvious.

Here’s another didactic little story. There are these two guys sitting together in a bar in the remote Alaskan wilderness. One of the guys is religious, the other is an atheist, and the two are arguing about the existence of God with that special intensity that comes after about the fourth beer. And the atheist says: “Look, it’s not like I don’t have actual reasons for not believing in God. It’s not like I haven’t ever experimented with the whole God and prayer thing. Just last month I got caught away from the camp in that terrible blizzard, and I was totally lost and I couldn’t see a thing, and it was 50 below, and so I tried it: I fell to my knees in the snow and cried out ‘Oh, God, if there is a God, I’m lost in this blizzard, and I’m gonna die if you don’t help me.’” And now, in the bar, the religious guy looks at the atheist all puzzled. “Well then you must believe now,” he says, “After all, here you are, alive.” The atheist just rolls his eyes. “No, man, all that was was a couple Eskimos happened to come wandering by and showed me the way back to camp.”

It's easy to run this story through kind of a standard liberal arts analysis: the exact same experience can mean two totally different things to two different people, given those people's two different belief templates and two different ways of constructing meaning from experience. Because we prize tolerance and diversity of belief, nowhere in our liberal arts analysis do we want to claim that one guy's interpretation is true and the other guy's is false or bad. Which is fine, except we also never end up talking about just where these individual templates and beliefs come from. Meaning, where they come from INSIDE the two guys. As if a person's most basic orientation toward the world, and the meaning of his experience were somehow just hard-wired, like height or shoe-size; or automatically absorbed from the culture, like language. As if how we construct meaning were not actually a matter of personal, intentional choice. Plus, there's the whole matter of arrogance. The nonreligious guy is so totally certain in his dismissal of the possibility that the passing Eskimos had anything to do with his prayer for help. True, there are plenty of religious people who seem arrogant and certain of their own interpretations, too. They're probably even more repulsive than atheists, at least to most of us. But religious dogmatists' problem is exactly the same as the story's unbeliever: blind certainty, a close-mindedness that amounts to an imprisonment so total that the prisoner doesn't even know he's locked up.

The point here is that I think this is one part of what teaching me how to think is really supposed to mean. To be just a little less arrogant. To have just a little critical awareness about myself and my certainties. Because a huge percentage of the stuff that I tend to be automatically certain of is, it turns out, totally wrong and deluded. I have learned this the hard way, as I predict you graduates will, too.

Here is just one example of the total wrongness of something I tend to be automatically sure of: everything in my own immediate experience supports my deep belief that I am the absolute centre of the universe; the realest, most vivid and important person in existence. We rarely think about this sort of natural, basic self-centredness because it's so socially repulsive. But it's pretty much the same for all of us. It is our default setting, hard-wired into our boards at birth. Think about it: there is no experience you have had that you are not the absolute centre of. The world as you experience it is there in front of YOU or behind YOU, to the left or right of YOU, on YOUR TV or YOUR monitor. And so on. Other people's thoughts and feelings have to be communicated to you somehow, but your own are so immediate, urgent, real.

Please don't worry that I'm getting ready to lecture you about compassion or other-directedness or all the so-called virtues. This is not a matter of virtue. It's a matter of my choosing to do the work of somehow altering or getting free of my natural, hard-wired default setting which is to be deeply and literally self-centered and to see and interpret everything through this lens of self. People who can adjust their natural default setting this way are often described as being "well-adjusted", which I suggest to you is not an accidental term.

Given the triumphant academic setting here, an obvious question is how much of this work of adjusting our default setting involves actual knowledge or intellect. This question gets very tricky. Probably the most dangerous thing about an academic education—least in my own case—is that it enables my tendency to over-intellectualise

stuff, to get lost in abstract argument inside my head, instead of simply paying attention to what is going on right in front of me, paying attention to what is going on inside me.

As I'm sure you guys know by now, it is extremely difficult to stay alert and attentive, instead of getting hypnotised by the constant monologue inside your own head (may be happening right now). Twenty years after my own graduation, I have come gradually to understand that the liberal arts cliché about teaching you how to think is actually shorthand for a much deeper, more serious idea: learning how to think really means learning how to exercise some control over how and what you think. It means being conscious and aware enough to choose what you pay attention to and to choose how you construct meaning from experience. Because if you cannot exercise this kind of choice in adult life, you will be totally hosed. Think of the old cliché about "the mind being an excellent servant but a terrible master."

This, like many clichés, so lame and unexciting on the surface, actually expresses a great and terrible truth. It is not the least bit coincidental that adults who commit suicide with firearms almost always shoot themselves in: the head. They shoot the terrible master. And the truth is that most of these suicides are actually dead long before they pull the trigger.

And I submit that this is what the real, no bullshit value of your liberal arts education is supposed to be about: how to keep from going through your comfortable, prosperous, respectable adult life dead, unconscious, a slave to your head and to your natural default setting of being uniquely, completely, imperially alone day in and day out. That may sound like hyperbole, or abstract nonsense. Let's get concrete. The plain fact is that you graduating seniors do not yet have any clue what "day in day out" really means. There happen to be whole, large parts of adult American life that nobody talks about in commencement speeches. One such part involves boredom, routine and petty frustration. The parents and older folks here will know all too well what I'm talking about.

By way of example, let's say it's an average adult day, and you get up in the morning, go to your challenging, white-collar, college-graduate job, and you work hard for eight or ten hours, and at the end of the day you're tired and somewhat stressed and all you want is to go home and have a good supper and maybe unwind for an hour, and then hit the sack early because, of course, you have to get up the next day and do it all again. But then you remember there's no food at home. You haven't had time to shop this week because of your challenging job, and so now after work you have to get in your car and drive to the supermarket. It's the end of the work day and the traffic is apt to be: very bad. So getting to the store takes way longer than it should, and when you finally get there, the supermarket is very crowded, because of course it's the time of day when all the other people with jobs also try to squeeze in some grocery shopping. And the store is hideously lit and infused with soul-killing muzak or corporate pop and it's pretty much the last place you want to be but you can't just get in and quickly out; you have to wander all over the huge, over-lit store's confusing aisles to find the stuff you want and you have to manoeuvre your junky cart through all these other tired, hurried people with carts (et cetera, et cetera, cutting stuff out because this is a long ceremony) and eventually you get all your supper supplies, except now it turns out there aren't enough check-out lanes open even though it's the

end-of-the-day rush. So the checkout line is incredibly long, which is stupid and infuriating. But you can't take your frustration out on the frantic lady working the register, who is overworked at a job whose daily tedium and meaninglessness surpasses the imagination of any of us here at a prestigious college.

But anyway, you finally get to the checkout line's front, and you pay for your food, and you get told to "Have a nice day" in a voice that is the absolute voice of death. Then you have to take your creepy, flimsy, plastic bags of groceries in your cart with the one crazy wheel that pulls maddeningly to the left, all the way out through the crowded, bumpy, littery parking lot, and then you have to drive all the way home through slow, heavy, SUV-intensive, rush-hour traffic, et cetera et cetera.

Everyone here has done this, of course. But it hasn't yet been part of you graduates' actual life routine, day after week after month after year.

But it will be. And many more dreary, annoying, seemingly meaningless routines besides. But that is not the point. The point is that petty, frustrating crap like this is exactly where the work of choosing is gonna come in. Because the traffic jams and crowded aisles and long checkout lines give me time to think, and if I don't make a conscious decision about how to think and what to pay attention to, I'm gonna be pissed and miserable every time I have to shop. Because my natural default setting is the certainty that situations like this are really all about me. About MY hungriness and MY fatigue and MY desire to just get home, and it's going to seem for all the world like everybody else is just in my way. And who are all these people in my way? And look at how repulsive most of them are, and how stupid and cow-like and dead-eyed and nonhuman they seem in the checkout line, or at how annoying and rude it is that people are talking loudly on cell phones in the middle of the line. And look at how deeply and personally unfair this is.

Or, of course, if I'm in a more socially conscious liberal arts form of my default setting, I can spend time in the end-of-the-day traffic being disgusted about all the huge, stupid, lane-blocking SUV's and Hummers and V-12 pickup trucks, burning their wasteful, selfish, 40-gallon tanks of gas, and I can dwell on the fact that the patriotic or religious bumper-stickers always seem to be on the biggest, most disgustingly selfish vehicles, driven by the ugliest [responding here to loud applause] — this is an example of how NOT to think, though — most disgustingly selfish vehicles, driven by the ugliest, most inconsiderate and aggressive drivers. And I can think about how our children's children will despise us for wasting all the future's fuel, and probably screwing up the climate, and how spoiled and stupid and selfish and disgusting we all are, and how modern consumer society just sucks, and so forth and so on.

You get the idea.

If I choose to think this way in a store and on the freeway, fine. Lots of us do. Except thinking this way tends to be so easy and automatic that it doesn't have to be a choice. It is my natural default setting. It's the automatic way that I experience the boring, frustrating, crowded parts of adult life when I'm operating on the automatic, unconscious belief that I am the centre of the world, and that my immediate needs and feelings are what should determine the world's priorities.

The thing is that, of course, there are totally different ways to think about these kinds of situations. In this traffic, all these vehicles stopped and idling in my way, it's not impossible that some of these people in SUV's have been in horrible auto accidents in the past, and now find driving so terrifying that their therapist has all but ordered them to get a huge, heavy SUV so they can feel safe enough to drive. Or that the Hummer that just cut me off is maybe being driven by a father whose little child is hurt or sick in the seat next to him, and he's trying to get this kid to the hospital, and he's in a bigger, more legitimate hurry than I am: it is actually I who am in HIS way.

Or I can choose to force myself to consider the likelihood that everyone else in the supermarket's checkout line is just as bored and frustrated as I am, and that some of these people probably have harder, more tedious and painful lives than I do.

Again, please don't think that I'm giving you moral advice, or that I'm saying you are supposed to think this way, or that anyone expects you to just automatically do it. Because it's hard. It takes will and effort, and if you are like me, some days you won't be able to do it, or you just flat out won't want to.

But most days, if you're aware enough to give yourself a choice, you can choose to look differently at this fat, dead-eyed, over-made-up lady who just screamed at her kid in the checkout line. Maybe she's not usually like this. Maybe she's been up three straight nights holding the hand of a husband who is dying of bone cancer. Or maybe this very lady is the low-wage clerk at the motor vehicle department, who just yesterday helped your spouse resolve a horrific, infuriating, red-tape problem through some small act of bureaucratic kindness. Of course, none of this is likely, but it's also not impossible. It just depends what you want to consider. If you're automatically sure that you know what reality is, and you are operating on your default setting, then you, like me, probably won't consider possibilities that aren't annoying and miserable. But if you really learn how to pay attention, then you will know there are other options. It will actually be within your power to experience a crowded, hot, slow, consumer-hell type situation as not only meaningful, but sacred, on fire with the same force that made the stars: love, fellowship, the mystical oneness of all things deep down.

Not that that mystical stuff is necessarily true. The only thing that's capital-T True is that you get to decide how you're gonna try to see it.

This, I submit, is the freedom of a real education, of learning how to be well-adjusted. You get to consciously decide what has meaning and what doesn't. You get to decide what to worship.

Because here's something else that's weird but true: in the day-to-day trenches of adult life, there is actually no such thing as atheism. There is no such thing as not worshipping. Everybody worships. The only choice we get is what to worship. And the compelling reason for maybe choosing some sort of god or spiritual-type thing to worship—be it JC or Allah, be it YHWH or the Wiccan Mother Goddess, or the Four Noble Truths, or some inviolable set of ethical principles—is that pretty much anything else you worship will eat you alive. If you worship money and things, if they are where you tap real meaning in life, then you will never have enough, never feel you have enough. It's the truth. Worship your body and beauty and sexual allure and you will always feel ugly. And when time and age start showing, you will die a million

deaths before they finally grieve you. On one level, we all know this stuff already. It's been codified as myths, proverbs, clichés, epigrams, parables; the skeleton of every great story. The whole trick is keeping the truth up front in daily consciousness.

Worship power, you will end up feeling weak and afraid, and you will need ever more power over others to numb you to your own fear. Worship your intellect, being seen as smart, you will end up feeling stupid, a fraud, always on the verge of being found out. But the insidious thing about these forms of worship is not that they're evil or sinful, it's that they're unconscious. They are default settings.

They're the kind of worship you just gradually slip into, day after day, getting more and more selective about what you see and how you measure value without ever being fully aware that that's what you're doing.

And the so-called real world will not discourage you from operating on your default settings, because the so-called real world of men and money and power hums merrily along in a pool of fear and anger and frustration and craving and worship of self. Our own present culture has harnessed these forces in ways that have yielded extraordinary wealth and comfort and personal freedom. The freedom all to be lords of our tiny skull-sized kingdoms, alone at the centre of all creation. This kind of freedom has much to recommend it. But of course there are all different kinds of freedom, and the kind that is most precious you will not hear much talk about much in the great outside world of wanting and achieving.... The really important kind of freedom involves attention and awareness and discipline, and being able truly to care about other people and to sacrifice for them over and over in myriad petty, unsexy ways every day.

That is real freedom. That is being educated, and understanding how to think. The alternative is unconsciousness, the default setting, the rat race, the constant gnawing sense of having had, and lost, some infinite thing.

I know that this stuff probably doesn't sound fun and breezy or grandly inspirational the way a commencement speech is supposed to sound. What it is, as far as I can see, is the capital-T Truth, with a whole lot of rhetorical niceties stripped away. You are, of course, free to think of it whatever you wish. But please don't just dismiss it as just some finger-wagging Dr Laura sermon. None of this stuff is really about morality or religion or dogma or big fancy questions of life after death.

The capital-T Truth is about life BEFORE death.

It is about the real value of a real education, which has almost nothing to do with knowledge, and everything to do with simple awareness; awareness of what is so real and essential, so hidden in plain sight all around us, all the time, that we have to keep reminding ourselves over and over:

"This is water."

"This is water."

It is unimaginably hard to do this, to stay conscious and alive in the adult world day in and day out. Which means yet another grand cliché turns out to be true: your education really IS the job of a lifetime. And it commences: now.

I wish you way more than luck.

Fonte: Transcrição elaborada por Farnam Street Media Inc.

APÊNDICES

Quadro 4 — Dados Culturais

PÁGINAS	ISTO É ÁGUA	THIS IS WATER	TRANSCRIÇÃO	DADO	ANÁLISE
4/-/1	Saudações, obrigado e parabéns a turma de formandos de 2005 do Kenyon.	-	Greetings parents and congratulations to Kenyon's graduating class of 2005.	A tradução não omite o contexto do discurso original. Porém, a publicação da LBC sim.	A contextualização do texto original, logo de início, é importante para o público brasileiro.
4/5/1	O emprego de historinhas didáticas com ar de parábola é um requisito padrão dos discursos de paraninfo nos Estados Unidos.	This is a standard requirement of US commencement speeches, the deployment of didactic little parable-ish stories.	This is a standard requirement of US commencement speeches, the deployment of didactic little parable-ish stories.	Contexto do discurso de paraninfo em todas as publicações.	A contextualização do discurso de paraninfo não é tão importante quanto na tradução. Vide a sua omissão no início do texto mas não aqui.
4/11/1	o diploma que estão prestes a receber	the degree you are about to receive	the degree you are about to receive	Não omissão do contexto em todas as versões	A contextualização da ocasião permanece pelo resto do texto.
8/64/4	Existem áreas inteiras da vida adulta americana que ninguém menciona nos discursos de paraninfo.	There happen to be whole large parts of adult American life that nobody talks about in commencement speeches.	large parts of adult American life that nobody talks about in commencement speeches.	Não omissão do contexto em todas as versões	A contextualização da ocasião permanece pelo resto do texto.
4 e 5/12/1	do clichê mais difundido no gênero dos discursos de paraninfo,	the single most pervasive cliché in the commencement speech genre,	the single most pervasive cliché in the commencement speech genre,	Não omissão do contexto em todas as versões	A contextualização da ocasião permanece pelo resto do texto.

PÁGINAS	ISTO É ÁGUA	THIS IS WATER	TRANSCRIÇÃO	DADO	ANÁLISE
4/9/1	Dito dessa forma,	Stated as an English sentence	Stated as an English sentence	Referência a língua inglês substituída pela expressão adverbial de modo “dessa forma”.	Manter a tradução literal prejudicaria o sentido do texto.
13/116/7	Nossa cultura atual canalizou essas forças de modo a produzir doses extraordinárias de riqueza, conforto e liberdade pessoal.	Our own present culture has harnessed these forces in ways that have yielded extraordinary wealth and comfort and personal freedom.	Our own present culture has harnessed these forces in ways that have yielded extraordinary wealth and comfort and personal freedom.	Comentário sobre a cultura norte-americana. A partir desse período a palavra “freedom” é utilizada várias vezes.	O texto traduzido não necessita especificar de qual cultura está mencionando.
9/72/4	sacolinhas plásticas frágeis, repulsivas e cheias de produtos	creepy flimsy plastic bags of groceries	creepy, flimsy, plastic bags of groceries	Troca da ordem dos termos e adição do “cheias de produtos”.	Possível demonstração de percepção do tradutor sobre a cultura norte-americana.
11/79/5	e em como tudo é simplesmente uma <i>merda</i>	and how it all just <i>sucks</i> ,	and how modern consumer society just sucks,	“modern consumer society” omitido das publicações	Renúncia a crítica a sociedade consumista pelas publicações.
-/3	-	-	They shoot the terrible master	Omissão do período.	Falar sobre suicídio é geralmente tratado como taboo em diversas culturas. Provavelmente, devido a morte por suicídio do autor, as publicações omitiram esse período.

PÁGINAS	ISTO É ÁGUA	THIS IS WATER	TRANSCRIÇÃO	DADO	ANÁLISE
4/6/1	de todas as convenções do gênero, a historinha é uma das que possui o menor teor de conversa fiada...	the story thing turns out to be one of the better, less bullshit conventions of the genre...	the story thing turns out to be one of the better, less bullshit conventions of the genre...	Omissão do termo "bullshitty". Porém adição do termo "conversa fiada".	Omissão de termo vulgar e adição de outro termo para manter o tom do texto.
8/60/3	Proponho a vocês que esse é o valor real e sério	And I submit that this is what the real, no-shit value	And I submit that this is what the real, no bullshit value	O termo "bullshit" no discurso foi adaptado para a publicação da LBC para "no-shit", enquanto na tradução para "sério"	Censura de termo vulgar para a publicação da tradução.
10/77/5	E quem são todas essas pessoas <i>na minha frente</i> ?	, and who the fuck are all these people in my way?	And who are all these people in my way?	O termo "fuck" na tradução foi omitido.	Censura de termo vulgar para a publicação da tradução.
10/76/4	situações infernais e frustrantes como essa.	the point is that petty, frustrating crap like this	The point is that petty, frustrating crap like this	O termo "crap" na tradução foi omitido.	Censura de termo vulgar para a publicação da tradução.
11/79/5	e em como tudo é simplesmente uma <i>merda</i>	and how it all just sucks,	and how modern consumer society just sucks,	O termo "sucks" é traduzido para "merda".	Em uma das partes mais intensas do texto a palavra vulgar não foi omitida.
14/125/7	é a verdade despida de uma grossa camada de baboseiras retóricas	is the truth, with a whole lot of rhetorical bullshit pared away.	is the capital-T Truth, with a whole lot of rhetorical niceties stripped away.	O termo "bullshit" traduzido para "baboseiras"	Censura de termo vulgar para a publicação da tradução.

PÁGINAS	ISTO É ÁGUA	THIS IS WATER	TRANSCRIÇÃO	DADO	ANÁLISE
5/ 16 e 17/1	Aqui vai mais uma historinha didática. Tem dois caras sentados num bar nas profundezas remotas do Alasca.	Here's another didactic little story. There are these two guys sitting together in a bar in the remote Alaskan wilderness.	Here's another didactic little story. There are these two guys sitting together in a bar in the remote Alaskan wilderness.	Clichê humorístico.	Esse clichê é internacional. Não houve adaptação porque não há motivo para tal.
9/69/4	música de elevador ou pop comercial	Muzak	Muzak	Tradução da marca Muzak para música de elevador.	O termo utilizado para música de locais públicos difere entre as culturas. Por isso a adaptação.
10/79/5	150 litros	forty-gallon	40-gallon	Conversão de galões para litros.	Unidade de medidas diferentes entre as culturas.
12/102/6	Jesus Cristo	J.C.	JC	Extensão do nome J.C.	No Brasil ninguém utiliza o nome abreviado.
14/127/7	como um mero sermão admoestador.	as some finger-wagging Dr. Laura sermon.	as just some finger-wagging Dr. Laura sermon.	Referência cultural a Dr. Laura Schlessinger, apresentadora de rádio nos EUA.	Tradução do sentido.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 5 — Dados Linguísticos

PÁGINAS	ISTO É ÁGUA	THIS IS WATER	TRANSCRIÇÃO	DADO	ANÁLISE
4/3 e 4/1	Dois peixinhos estão nadando e cruzam com um peixe mais velho que vem nadando no sentido contrário, que os cumprimenta dizendo: “Bom dia, meninos. Como está a água?”. Os dois peixinhos continuam nadando por mais algum tempo, até que um deles olha para o outro e pergunta: “Água? Que diabo é isso?”.	There are these two young fish swimming along and they happen to meet an older fish swimming the other way, who nods at them and says “Morning, boys. How’s the water?” And the two young fish swim on for a bit, and then eventually one of them looks over at the other and goes “What the hell is water?”	There are these two young fish swimming along, and they happen to meet an older fish swimming the other way, who nods at them and says, “Morning, boys, how’s the water?” And the two young fish swim on for a bit, and then eventually one of them looks over at the other and goes, “What the hell is water?”	Contraste entre a informalidade dos personagens na parábola com a formalidade do resto do parágrafo.	Registro de formalidade e informalidade mantido entre os textos.
4/9/1	platitude banal	banal platitudes	banal platitudes	Exemplo de termo formal mantido em todos os objetos de estudo	Registro de formalidade consistente pela tradução
4/12/1	difundido	pervasive	pervasive	Exemplo de termo formal mantido em todos os objetos de estudo	Registro de formalidade consistente pela tradução
4/14/1	postular	posit	posit	Exemplo de termo formal mantido em todos os objetos de estudo	Registro de formalidade consistente pela tradução

PÁGINAS	ISTO É ÁGUA	THIS IS WATER	TRANSCRIÇÃO	DADO	ANÁLISE
5/ 16 e 17/1	Aqui vai mais uma historinha didática. Tem dois caras sentados num bar nas profundezas remotas do Alasca.	Here's another didactic little story. There are these two guys sitting together in a bar in the remote Alaskan wilderness.	Here's another didactic little story. There are these two guys sitting together in a bar in the remote Alaskan wilderness.	Oscilação entre formal e informal.	A partir desse parágrafo o texto toma um tom de informalidade, provavelmente por causa da estrutura de piada. A tradução segue esse padrão.
7/40/3	(...) ou onde mais for.	(...), or whatever.	(...) And so on.	Diferentes tipos de elipses.	A maior diferença entre eles é o registro de formalidade. O livro da LBC opta por informalidade. A tradução e o discurso não.
7/50/3	Como vocês já devem saber a essa altura,	As I'm sure you guys know by now,	As I'm sure you guys know by now,	Oscilação entre formal e informal.	A partir desse parágrafo o texto toma um tom de informalidade. A tradução segue esse padrão.
11/84/5	É evidente, porém, que há outras maneiras de pensar numa situação desse tipo.	The thing is that there are obviously different ways to think about these kinds of situations.	The thing is that there are obviously different ways to think about these kinds of situations.	Oscilação entre formal e informal.	O texto original volta a ser formal neste parágrafo. A tradução também.
8/55/3	, vão quebrar a cara	totally hosed	totally hosed	Expressão coloquial e informal.	Expressão coloquial no original traduzido para uma expressão coloquial brasileira.

PÁGINAS	ISTO É ÁGUA	THIS IS WATER	TRANSCRIÇÃO	DADO	ANÁLISE
9/69/4	lotadíssimo	very crowded	very crowded	Uso do superlativo absoluto.	O superlativo absoluto combina com o parágrafo que supostamente deve ser mais informal e emotivo.
9/69/4	dar um pulinho rápido e cair fora;	just get in and quickly out.	just get in and quickly out.	Expressão coloquial e informal.	Expressão coloquial no original traduzido para uma expressão coloquial brasileira.
8/60/3	dia após dia	day in and day out.	day in and day out.	Tradução de expressão idiomática.	Expressão idiomática no original traduzido para uma expressão idiomática brasileira.
8/63/4	“dia após dia”	“day in and day out.”	“day in and day out.”	Tradução de expressão idiomática.	Expressão idiomática no original traduzido para uma expressão idiomática brasileira.
8/67/4	cair na cama	hit the rack	hit the sack	Tradução de expressão idiomática.	Expressão idiomática no original traduzido para uma expressão idiomática brasileira.
9/70/-	ranger os dentes	grit your teeth	-	Expressão idiomática.	Expressão presente em ambas as línguas.
13/123/7	“corrida de ratos”	“rat race”	“rat race”	Expressão idiomática.	Expressão presente em ambas as línguas. Importada diretamente dos EUA.

PÁGINAS	ISTO É ÁGUA	THIS IS WATER	TRANSCRIÇÃO	DADO	ANÁLISE
12/89/6	um problema insolúvel de documentação	a nightmarish red-tape problem	horrific, infuriating, red-tape problem	Expressão idiomática inglesa.	Substituição da expressão pela descrição de seu sentido.
12/91/6	vista grossa	will not consider	won't consider	Expressão idiomática portuguesa.	Não só o tradutor traduz expressões como as inclui também.
13/115/7	, do dinheiro e do poder avança tranquilamente movido pelo medo, pelo desprezo pela frustração, pela ânsia e pela veneração do ego.	hums along quite nicely on the fuel of fear and contempt and frustration and craving and the worship of self.	hums merrily along in a pool of fear and anger and frustration and craving and worship of self	Expressão idiomática "hums along quite nicely on the fuel of fear" e "hums merrily along in a pool of fear".	Expressão idiomática no original, seu sentido foi traduzido.
13/118/7	Esse tipo de liberdade tem seus méritos.	This kind of freedom has much to recommend it.	This kind of freedom has much to recommend it.	Expressão idiomática.	Expressão idiomática no original, seu sentido foi traduzido.
12/89/6 of	um problema insolúvel de documentação	a nightmarish red-tape problem	horrific, infuriating, red-tape problem	Substituição dos adjetivos de "red-tape"	"Problema insolúvel" é suficiente para passar o sentido.
14/136/8	a nossa educação leva <i>mesmo</i> a vida toda	Your education really is the job of a lifetime,	your education really IS the job of a lifetime	Expressão idiomática "the job of a lifetime"	Tradução do sentido.
12/97/6	Pois aqui está outra verdade.	Because here's something else that's true.	Because here's something else that's weird but true	Omissão feita do termo "weird" pela publicação da LBC.	A tradução segue mais fielmente o texto.

PÁGINAS	ISTO É ÁGUA	THIS IS WATER	TRANSCRIÇÃO	DADO	ANÁLISE
13/106/7	enterrado	plant you	grieve you	A expressão metafórica foi traduzida.	A tradução segue mais fielmente o texto.
14/125/7	é a verdade despida de uma grossa camada de baboseiras retóricas	is the truth, with a whole lot of rhetorical bullshit pared away.	is the capital-T Truth, with a whole lot of rhetorical niceties stripped away.	Omissão do termo “capital-T Truth” que contém no sermão apenas.	A tradução segue mais fielmente o texto.
-/-/5	-	-	(...) always seem to be on the biggest, most disgustingly selfish vehicles, driven by the ugliest [responding here to loud applause] — this is an example of how NOT to think, though —	Aplauso do público e comentário do orador.	Parte omitida da publicação. Feito como reação ao público do discurso original.
-/-/5	-	-	You get the idea.	Período se encontra apenas no discurso.	Reforça a mensagem central desta parte do texto. Feito como reação ao público do discurso original.
-/-/4	-	-	et cetera, et cetera, cutting stuff out because this is a long ceremony	Período se encontra apenas no discurso.	Parte omitida da publicação. Destinada ao contexto de discurso e cerimônia de paraninfo.
-/87/-	-	And so on	-	Adição que se encontra apenas na	Adição que se encontra apenas na

				versão da LBC.	versão da LBC.
PÁGINAS	ISTO É ÁGUA	THIS IS WATER	TRANSCRIÇÃO	DADO	ANÁLISE
12/93/6	Estará ao alcance de vocês vivenciar a multidão, o barulho e a lentidão de um inferno do consumo	I will actually be within your power to experience a crowded, hot, slow, consumer-hell type	It will actually be within your power to experience a crowded, hot, slow, consumer-hell type	Omissão do adjetivo hot.	Omissão do adjetivo hot.
12/93/6	comunhão fofinha de todas as coisas.	the subsurface unity of all things.	the mystical oneness of all things	Todas as versões são diferentes.	Tradução do sentido.
4/5/1	O emprego de historinhas didáticas com ar de parábola é um requisito padrão dos discursos de paraninfo nos Estados Unidos.	This is a standard requirement of US commencement speeches, the deployment of didactic little parable-ish stories.	This is a standard requirement of US commencement speeches, the deployment of didactic little parable-ish stories.	Troca de voz criada pelo tradutor.	A inversão da ordem dos termos cria ênfase no “emprego de historinhas didáticas com ar de parábola” ao invés do contexto de “discurso de paraninfo.”

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 6 — Dados Estéticos

PÁGINAS	ISTO É ÁGUA	THIS IS WATER	TRANSCRIÇÃO	DADO	ANÁLISE
13/112/7	Essas formas de venerar são traiçoeiras não por serem malignas ou pecaminosas,	the insidious thing about these forms of worship is not that they're evil or sinful	the insidious thing about these forms of worship is not that they're evil or sinful	Troca da estrutura da frase.	Troca de ênfase nos elementos por causa dessa troca da estrutura e simplificação do período.
4/6/1	de todas as convenções do gênero, a historinha é uma das que possui o menor teor de conversa fiada...	the story thing turns out to be one of the better, less bullshit conventions of the genre...	the story thing turns out to be one of the better, less bullshit conventions of the genre...	Troca da estrutura da frase.	Inversão da ordem direta dos elementos de uma oração para criação de ênfase.
7/39/2	vocês foram o centro absoluto de todas as experiências que tiveram.	there is no experience you have had that you are not the absolute center of.	there is no experience you have had that you are not the absolute center of.	Troca da estrutura da frase.	Inversão da ordem direta dos elementos de uma oração para criação de ênfase e estrutura mais compreensível.
7/40/2 e 3	Sua experiência de mundo está diante ou atrás de vocês, à sua esquerda ou à sua direita, na sua TV ou no seu monitor ou onde mais for.	The world as you experience it is there in front of you or behind you, to the left or right of you, on your TV or your monitor, or whatever.	The world as you experience it is there in front of YOU or behind YOU, to the left or right of YOU, on YOUR TV or YOUR monitor. And so on.	Anáfora pela repetição do termo "you" and "your".	A anáfora é mantida na tradução para o português com a repetição da palavra "sua/seu".
7/48/3	prestar atenção (...) prestar atenção (...)	paying attention to what is going on right in front of me, paying attention	paying attention to what is going on right in front of me, paying attention	Presença de anáfora.	A anáfora é mantida na tradução.

PÁGINAS	ISTO É ÁGUA	THIS IS WATER	TRANSCRIÇÃO	DADO	ANÁLISE
8/69-72/4	e	and	and	Repetição da conjunção “and” no original e “e” na tradução.	A repetição desse termo representa a mensagem principal do texto como polissíndeto. A deterioração do estado mental na vida adulta ao presenciar rotina.
10/77-79/4 e 5	e	and	and	Repetição da conjunção “and” no original e “e” na tradução.	A repetição desse termo representa a mensagem principal do texto como polissíndeto. A deterioração do estado mental na vida adulta ao presenciar rotina.
13/115/7	, do dinheiro e do poder avança tranquilamente movido pelo medo, pelo desprezo pela frustração, pela ânsia e pela veneração do ego.	hums along quite nicely on the fuel of fear and contempt and frustration and craving and the worship of self.	hums merrily along in a pool of fear and anger and frustration and craving and worship of self	Adaptação do polissíndeto “and” pela palavra “pela”.	O polissíndeto original “e”/”and” retomaria melhor impressões passadas nos parágrafos passados.
5/7/1	Não sou o peixe velho e sábio.	I am not the wise old fish.	I am not the wise old fish.	Ênfase nesse período.	Estrutura do livro da LBC produz ênfase nesse período por ser o único elemento na página.
5/10/1	ou pelo menos é o que eu gostaria de sugerir a vocês nessa	or so I wish to suggest to you on this dry and lovely morning.	or so I wish to suggest to you on this dry and lovely morning.	Ênfase nesse período.	Estrutura do livro da LBC produz ênfase nesse período por ser

	manhã de tempo seco e agradável.				o único elemento na página.
PÁGINAS	ISTO É ÁGUA	THIS IS WATER	TRANSCRIÇÃO	DADO	ANÁLISE
5/16/1	Aqui vai mais uma historinha didática.	Here's another didactic little story.	Here's another didactic little story.	Ênfase nesse período.	Estrutura do livro da LBC produz ênfase nesse período por ser o único elemento na página.
7/42/-	Vocês entenderam.	You get the idea.	-	Ênfase nesse período.	Estrutura do livro da LBC produz ênfase nesse período por ser o único elemento na página.
7/37/2	autocentramento	self-centeredness	self-centeredness	Uso de palavra composta.	O autor utiliza palavras compostas em abundância.
7/43/3	preocupação com o próximo	other-directedness	other-directedness	Uso de palavra composta.	O autor utiliza palavras compostas em abundância.
7/48/3	tendência a intelectualizar as coisas além da conta	tendency to over-intellectualise	tendency to over-intellectualise	Uso de palavra composta.	O autor utiliza palavras compostas em abundância.
10/77/5	fazer compras	food-shop	I have to shop	Uso de palavra composta.	O autor utiliza palavras compostas em abundância.
12/89/6	inexpressiva e cheia de maquiagem	dead-eyed, over-made-up lady	dead-eyed, over-made-up lady	Uso de palavra composta.	O autor utiliza palavras compostas em abundância.
6/26/2	<i>dentro</i>	<i>inside</i>	INSIDE	Ênfase criada pelo	Artifícios de ênfase

				destaque em itálico e capitalização	devem ser consistentes entre textos.
PÁGINAS	ISTO É ÁGUA	THIS IS WATER	TRANSCRIÇÃO	DADO	ANÁLISE
8/52/3	<i>como e em que</i>	<i>how and what</i>	how and what	Ênfase criada pelo destaque em itálico.	Artifícios de ênfase devem ser consistentes entre textos.
8/54/3	<i>escolher em que prestar atenção e escolher a maneira de construir significado</i>	choose what you pay attention to and to <i>choose</i> how you construct meaning	choose what you pay attention to and to choose how you construct meaning	Ênfase criada pelo destaque em itálico.	Artifícios de ênfase devem ser consistentes entre textos.
8/58/3	na... <i>cabeça</i> .	in... the <i>head</i> .	in: the head	Ênfase criada pelo destaque em itálico e reticências.	Artifícios de ênfase devem ser consistentes entre textos.
10/77/5	<i>na minha frente</i>	<i>my way</i>	<i>my way</i>	Ênfase criada pelo destaque em itálico.	Artifícios de ênfase devem ser consistentes entre textos.
11/79/5	<i>merda</i>	<i>sucks</i>	sucks	Ênfase criada pelo destaque em itálico.	Artifícios de ênfase devem ser consistentes entre textos.
11/81/5	<i>precisa</i>	<i>have</i>	have	Ênfase criada pelo destaque em itálico.	Artifícios de ênfase devem ser consistentes entre textos.
12/101/6	<i>o que</i>	<i>what</i>	what	Ênfase criada pelo	Artifícios de ênfase

				destaque em itálico.	devem ser consistentes entre textos.
PÁGINAS	ISTO É ÁGUA	THIS IS WATER	TRANSCRIÇÃO	DADO	ANÁLISE
13/112/7	<i>inconscientes</i>	<i>unconscious</i>	unconscious	Ênfase criada pelo destaque em itálico.	Artifícios de ênfase devem ser consistentes entre textos.
14/129/8	<i>antes</i>	<i>before</i>	BEFORE	Ênfase criada pelo destaque em itálico.	Artifícios de ênfase devem ser consistentes entre textos.
14/136/8	<i>mesmo</i>	<i>is</i>	IS	Ênfase criada pelo destaque em itálico.	Artifícios de ênfase devem ser consistentes entre textos.

Fonte: Elaborado pelo autor.